

A pedagogia do silêncio em Auschwitz: uma análise a partir de 174.517

The pedagogy of silence in Auschwitz: an analysis from 174,517

La pedagogía del silencio en Auschwitz: un análisis a partir de 174.517

Recebido: 24/05/2019 | Revisado: 28/05/2019 | Aceito: 04/06/2019 | Publicado: 05/06/2019

Ísis de Freitas Campos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1172-7101>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: isiscamps@yahoo.com.br

Olívia Moraes de Medeiros Neta

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4217-2914>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: olivianeta@gmail.com

Resumo

O objetivo do artigo é fazer uma análise relativa aos mecanismos que dificultavam a comunicação dos prisioneiros no campo de concentração e extermínio de Auschwitz orientada pelo testemunho *É isto um homem?* do italiano judeu Primo Levi - ou 174.517, seu número de identificação no Campo. A discussão tem o intuito de contribuir para a compreensão do que foi a experiência do *Lager*, enfrentando generalizações e banalizações, e investigar o aparato de repressão que se esconde nas entrelinhas dessa estrutura nazista. Através da ideia de pedagogia do silêncio se propõe, então, refletir sobre a violência que ultrapassa os aspectos físicos e que também contribuiu para a tentativa de desumanização do prisioneiro. No cotidiano dessa experiência limítrofe, a comunicação aparece como mais um elemento de restrição e as vítimas acabam inclusive se apropriando do silêncio como estratégia para a própria sobrevivência; no entanto, o testemunho permite também observar como ocorre a resistência à incomunicabilidade.

Palavras-chave: Primo Levi; campo de concentração; comunicação.

Abstract

The objective of this article is to make an analysis of the mechanisms that made it difficult for prisoners to communicate in the Auschwitz concentration camp and the Auschwitz extermination camp guided by the witness *If is this a man*, from the Italian Jew Primo Levi -

or 174,517, his identification number in the Field. The discussion aims to contribute to the understanding of the experience of the *Lager*, facing generalizations and banalizations, and to investigate the device of repression that hides between the lines of this Nazi structure. Through the idea of pedagogy of silence, it is proposed to reflect on the violence that goes beyond the physical aspects and that also contributed to the attempt of dehumanization of the prisoner. In the daily life of this borderline experience, communication appears as another element of restriction, and victims end up even appropriating silence as a strategy for their own survival; however, the testimony also allows us to observe how resistance to incommunicability occurs.

Keywords: Primo Levi; concentration camp; communication.

Resumen

El objetivo del artículo es hacer un análisis relativo a los mecanismos que dificultaban la comunicación de los prisioneros en el campo de concentración y exterminio de Auschwitz orientada por el testimonio. Se esto es un hombre, del italiano judío Primo Levi - o 174.517, su número de identificación en el Campo. La discusión tiene el propósito de contribuir a la comprensión de lo que fue la experiencia del *Lager*, enfrentando generalizaciones y banalizaciones, e investigar el aparato de represión que se esconde entre las líneas de esta estructura nazi. A través de la idea de pedagogía del silencio se propone entonces reflexionar sobre la violencia que sobrepasa los aspectos físicos y que también contribuyó al intento de deshumanización del prisionero. En el cotidiano de esa experiencia limítrofe, la comunicación aparece como otro elemento de restricción y las víctimas acaban incluso apropiándose del silencio como estrategia para la propia supervivencia; sin embargo, el testimonio permite también observar cómo ocurre la resistencia a la incommunicabilidad.

Palabras clave: Primo Levi; campo de concentración; comunicación.

1. Introdução

Tudo era silêncio, como num aquário e como em certas cenas de sonhos.

(Primo Levi)

O campo de concentração e extermínio nazista foi sem dúvida um dos marcos do século XX. Para Traverso (2004, p. 37 como citado em Basevi, 2012, pp. 19-20), “Auschwitz

recolocava em questão o próprio conceito de civilização: a barbárie não era a antítese da civilização moderna, técnica e industrial, mas sua face oculta, seu avesso dialético.”. Essa instalação teve significativa importância na problematização da ideia de progresso nas relações sociais e incrementou a dúvida sobre quais seriam as bases da sociedade moderna.

Os trabalhos sobre a Shoah¹ são necessários para que se fuja do grande risco das generalizações, de modo a não contribuir com a banalização de um evento que em muito ilustra a capacidade do ser humano em fazer e ver sofrer. Investir na análise detalhada desses espaços de violência possibilita dimensionar melhor as condições a que foram expostos os seres humanos nessa catástrofe e significa ajudar a construir uma consciência histórica que se relaciona com respeito às vítimas, à problematização do passado percebendo como as instituições oficiais podem ser promotoras de violências.

Nessa discussão, destaca-se a importância dos testemunhos, registros dos que passaram por tal experiência-limítrofe e que, embora se encontrem dentro de um grupo demarcado pelo evento histórico, apresentam particularidades em cada representação. A perspectiva analisada é a do livro *Se questo è un uomo* (É isto um homem?²), de Primo Michele Levi (1919-1987), uma referência para as pesquisas sobre a Shoah. O autor, judeu italiano, foi deportado em 1944 para Auschwitz. Seu escrito teve a primeira publicação em 1947, pouco depois da libertação do Campo, e conta com a complexidade de quem sobreviveu a uma experiência-limítrofe, tendo dificuldade para expressar suas vivências. Nele, Levi evidencia elementos do cotidiano em Auschwitz desde que chegou até a sua libertação.

A partir desse registro, procurou-se neste artigo contribuir para a reflexão sobre a estrutura de Auschwitz e seu impacto sobre as vítimas no cotidiano do campo de concentração e extermínio. A investigação feita extrapola a ideia de violência física, muito considerada quando se percorre o Campo, e, dentre as diversas dimensões que podem ser exploradas sobre esse ambiente para o aniquilamento humano, objetiva explorar como Primo Levi representa a

¹ Há uma discussão muito significativa com relação ao termo mais adequado para se referir ao evento em questão, tendo em vista que “holocausto”, embora seja o nome que carrega o peso do evento, por ser o mais disseminado, traz incômodos, já que significa um sacrifício sagrado. Sendo assim, outras possibilidades são alcançadas, como é o caso de Shoah, que em hebraico significa “catástrofe”. Mesmo que também apresente complicações com relação ao significado, esse termo foi escolhido neste texto por uma necessidade de se disseminar o conceito, de modo que a discussão alcance mais ouvidos e que se faça um exercício de reflexão sobre o peso dos termos que utilizados para nomear os eventos.

² LEVI, Primo. (1998) É isto um homem? Rio de Janeiro: Rocco.

comunicação dentro do *Lager*. É possível detectar a expressão, pelo autor, de mecanismos de repressão que promoveriam um ambiente para incomunicabilidade? Em geral, o tema da incomunicabilidade no escrito de Levi - trabalhado, por exemplo, por Caldas (2015) - acaba se relacionando, nas análises feitas, à dificuldade com a língua desconhecida. No caso deste trabalho, objetiva-se fazer um estudo que mergulhe de forma mais abrangente nessa temática.

Para essa investigação, utilizou-se o método da interpretação histórica³. Para tanto, selecionou-se e analisou-se trechos do referido escrito de Primo Levi que pudessem contribuir com a percepção e reflexão da comunicação no Campo. Entende-se a comunicação como elementar da condição humana e que, embora entendido (Feil, 2013) nunca se dar de forma efetiva, pode-se considerar a existência de elementos que contribuem de forma negativa no estabelecimento das relações sociais incrementando obstáculos no processo comunicativo. Neste caso, tem-se em vista a notificação pelo autor das diversas formas de como podem se dar incentivos à incomunicabilidade.

O conceito de pedagogia do silêncio - também utilizado por Silva (1993), mas referente ao regime militar em Santa Catarina - foi manipulado a partir das observações feitas e exposto no artigo através da sistematização e análise de fragmentos importantes do testemunho nessa discussão. Para isso, estabeleceu-se diálogos com estudiosos das áreas da história, comunicação, filosofia, literatura e psicologia.

A discussão deste trabalho considera a noção de Gramsci de que “toda relação de ‘hegemonia’ é necessariamente uma relação pedagógica” (1989, p. 37 como citado por Silva, 1993, p. 52) e interage com a noção de pedagogia do silêncio discutida por Silva, que considera, sobre esse conceito, o “confrontar constante entre a coerção e a resistência. . . . o movimento dialético entre o dizer e o não dizer ou dizer de outras formas” (1993, p. 57). No entanto, neste caso procurou-se as especificidades que naturalmente se desenham tanto pelas características de Auschwitz quanto pela particularidade da representação de Levi em *É isto um homem?*.

2. Considerações sobre o testemunho

A “literatura de testemunho” é um gênero que a partir da Segunda Guerra passa a se relacionar fortemente com as experiências das vítimas dos campos de concentração nazista. É

³ Para maiores informações ver Pereira, Shitsuka e Shitsuka (2018) no livro *Metodologia da pesquisa científica*.

principalmente com julgamento de Eichmann que o testemunho passa a ser efetivamente valorizado, como observa Valle (2011).

As representações produzidas pelo sobrevivente têm por base a lembrança, que, segundo Halbwachs (2004, p. 75), “é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”. Trabalhar com esse tipo de fonte implica cuidados muito particulares e se relaciona, para além das discussões sobre a legitimidade do testemunho, à recepção da experiência, do que se sentiu e que se formulou com o trauma, cuja emissão só pode se dar - mesmo que com dificuldade - por aquele que vivenciou o acontecimento.

É conhecida, por exemplo, a dificuldade dos sobreviventes em falar sobre o trauma e inclusive de encontrar palavras que possam expressar o que aconteceu, como escreve o próprio Levi: “Dizemos ‘fome’, dizemos ‘cansaço’, ‘medo’ e ‘dor’, dizemos ‘inverno’, mas trata-se de outras coisas. Aquelas são palavras livres, criadas, usadas por homens livres.” (Levi, 1988, p.125). Como considera Basevi (2012, p. 46), “Frequentemente o não falar (do sobrevivente) tem o seu contraponto no não escutar (dos outros). Trata-se de um pesadelo para o prisioneiro, de uma realidade do ‘*revenant*’ como diz Semprún, de quem volta depois de ter atravessado uma experiência de morte.”. Há também o receio de testemunhar tendo em vista que não se foi de fato testemunha completa do Campo, como foram os que morreram, além do sentimento de culpa e das variações do que é dito a partir do contexto no qual se fala, como evidencia Pollak (1989).

Vale ressaltar que há testemunhos referentes aos mais diversos campos nazistas e que se referem a marcas traumáticas de diferentes grupos sociais atingidos por essa política. As especificidades são notórias: por exemplo, em *Se é isto uma mulher* (2015), de Sarah Helm, mostra-se como o campo de Ravensbrück se tornou um espaço de agressões bastante vinculadas ao gênero. No caso do escrito utilizado neste trabalho, trata-se de Auschwitz e do trauma de um italiano judeu, que não pode ser generalizado, mas deve ser considerado como um dos exemplos para a percepção da lógica nazista de violência e extermínio.

Para além dessas classificações, há que salientar a subjetividade na percepção dos acontecimentos de cada vítima, mesmo submetida a um mesmo tipo de agressão, pois “a experiência é o que nos passa, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece o que toca”

(Bondía, 2002, p. 21). Tanto as experiências no momento do acontecimento quanto a organização das lembranças apresentam especificidade - inclusive considerando o momento em que ocorreu o registro. Sendo assim, a expressão de alguém que foi exposto a uma situação tão extrema, como se mencionou acima, deve ser cuidadosamente considerada e avaliada tendo em vista tanto a dificuldade com que ela foi emitida quanto a especificidade de sua experiência.

3. A Pedagogia do Silêncio a partir de É isto um homem?

Pode-se entender que a pedagogia do silêncio em Auschwitz começa a se expressar na construção do próprio espaço físico. Em certo momento, o autor, sobre a presença temporária de trabalhadores externos no Campo - embora em ambientes separados -, esboça a seguinte reflexão: “Se pudessem comunicar-se conosco, isso representaria uma brecha no muro que nos torna mortos para o mundo” (Levi, 1998, p. 83). A angústia do sobrevivente relaciona-se aqui ao fato de que, embora o Campo estivesse localizado no centro da Europa ocupada pelos alemães, sua organização e localização podem ser lidas como a representação do isolamento e falta de comunicação. Como observa um folheto produzido em 2010 pelo Museu Nacional de Auschwitz-Birkenau:

Todos os campos e subcampos do complexo de Auschwitz foram cercados pelos alemães com torres de vigilância e cercas com arame farpado e qualquer contato de prisioneiros com o mundo exterior era proibido. O terreno isolado ia além da área que se encontrava entre as cercas ocupando uma superfície adicional de cerca de 40 quilômetros quadrados . . . , existente à volta dos campos de Auschwitz I e Auschwitz II Birkenau (Mensfelt, Pinderska-Lech, & Świebocka, 2010, p. 7).

O espaço, na verdade, como ainda mostra o folheto, foi construído a partir da expulsão dos moradores de Oświęcim (que tinha judia 60% de sua população) e da derrubada 1,2 mil casas. Pode-se inferir o isolamento ao qual a região foi submetida, o que dificultou o intercâmbio de notícias entre o que era externo e interno a Auschwitz. A área cercada por arame farpado configura-se um símbolo da ideia de incomunicabilidade dos prisioneiros, de uma suposta impossibilidade de serem ouvidos. “Suposta” inclusive porque alguns conseguiram romper essa barreira: os poloneses foram os primeiros a se organizar em grupos de resistência e se articulam, inclusive desde o começo, com os contrabandistas do lado externo, que “ajudavam os prisioneiros, de todas as maneiras possíveis, entregando-lhes comida, remédios e organizando fugas” (Mensfelt et al., 2010, p. 7).

Já sobre a ida a esse campo, Levi faz descrições apontando que sem qualquer informação as vítimas são levadas para um lugar que descobrem se chamar Auschwitz, até então desconhecido; “Um nome que, para nós, nada significava, mas que deveria corresponder a algum lugar deste mundo” (Levi, 1988, p. 16). Os prisioneiros eram transportados em vagões sem janelas que possibilitassem uma visualização do caminho e, para obter alguma informação sobre seus destinos, as vítimas que embarcaram com Levi observavam pelas frestas os nomes das cidades pelas quais passavam. Para onde iriam? Quanto tempo ficariam nesse lugar? O que fariam nesse espaço? Não sabiam.

Sabe-se que houve um esforço para manter sigilo sobre os campos de concentração e extermínio e as violências cometidas nesses espaços. Um exemplo disso é a criação de Teresienstadt - ou Terezin. Em 1944 foi gravada a produção *Fuhrer Schenckt die Juden eine Stadt* (O Fuhrer Doa uma Cidade aos Judeus) para ser exibida à Cruz Vermelha Internacional, a qual saiu com bons pareceres do lugar.

O filme documentário sobre o campo é obra de um internado, ator e cineasta de renome, Kurt Gerron (depois deportado para Birkenau). Hitler muito se serviu desse filme como propaganda de como eram felizes os judeus sob a tutela do Reich. (Bosi, 1999, p. 8).

Ainda sobre a viagem, Levi rememora inquietações dos prisioneiros referentes ao afastamento dos cônjuges ou filhos, recebendo respostas rasas dos agentes: “Depois, de novo juntos”; “Está bem, ficar com filho” (Levi, 1988, p. 18). Vale ressaltar aqui que no momento no qual se chega ao *Lager* há a divisão dos prisioneiros, o que acaba, em muitos casos, gerando o afastamento dos familiares - importantes núcleos para estabelecimento de comunicação e confiança - que foram levados aos campos.

Levi registra que não se sabia naquele momento para onde seriam levados os inválidos e completa: “Assim, de repente, à traição, desapareceram nossas mulheres, nossos pais, nossos filhos. Praticamente ninguém teve como se despedir deles.” (Levi, 1988, p. 18). Depois disso, não estabeleceriam mais comunicação com essas pessoas. Não há um momento destinado ao reencontro dos parentes e amigos, como se tem em geral nos ambientes de cárcere, por exemplo, e a falta de rostos conhecidos é sentida e explicitada no seguinte trecho: “Nós também, os recém-chegados, andamos no meio da multidão, à procura de uma voz familiar, de um rosto amigo, de um guia.” (Levi, 1988, p. 28).

Naquele ambiente de desamparo, ocorre a tentativa de constituir um grupo para comunicação logo nas primeiras semanas de aprisionamento: “Resolvêramos encontrar-nos, nós, italianos, cada domingo à noite, num canto do Campo, mas paramos logo com isso; era triste demais contar-nos, encontrar-nos cada vez em menor número, cada vez mais disformes e esqueléticos. E custava caminhar até lá, por perto que fosse” (Levi, 1988, p. 35). No entanto, como se vê, os corpos e as mentes estavam muito debilitadas para que se mantivessem essas reuniões.

A despeito da exaustão, há as relações de amizade. Levi menciona, por exemplo, Alberto, seu “melhor amigo” (Levi, 1998, p. 57) e Jean, com quem vai estreitar laços no *Kommando* Químico. Vale sublinhar que, ao longo do livro, Primo Levi registra trechos de várias conversas que teve com companheiros do Campo e, mais especificamente no capítulo O canto de Ulisses, destina quatro páginas a contar sobre uma aula de italiano a seu amigo Jean que se daria com a utilização de versos da Divina Comédia, de Dante Alighieri, escolhendo a poesia para se comunicar no pouco tempo que tinham, enquanto se deslocavam para pegar a sopa.

Em Auschwitz, o prisioneiro era submetido a um ritual no qual basicamente tinha descartado o nome próprio e o que importava a partir de então era o número que recebia, o qual seria pronunciado em alemão; Primo Levi era “174.517”, como escreve: “aprendi que sou um *Häftling*. Meu nome é 174.517; fomos batizados, levaremos até a morte essa marca tatuada no braço esquerdo.” (Levi, 1988, p. 22). O autor ainda faz a seguinte consideração:

Necessitamos de vários dias e de muitos socos e bofetadas, até criarmos o hábito de mostrar prontamente o número, de modo a não atrapalhar as cotidianas operações de distribuição de víveres; necessitamos de semanas e meses para acostumar-nos ao som do número em alemão. (Levi, 1988, p. 22).

Percebe-se que se cria uma barreira na comunicação com alguém que sequer sabe pronunciar o que seria seu próprio nome. Como discute Melo (2013), o nome carrega as marcas de uma cultura; para além de ser um indicador, tem uma função simbólica. Outrossim, o nome é o vocativo, um termo para abertura da comunicação, e a única palavra que se conserva quando se muda a língua. A tentativa de apagar o nome próprio também se configura uma tentativa de apagar identidades, além de um empecilho no processo comunicativo dificultando a interação.

Primo Levi, ao longo do livro, refere-se a “Null Achtzehn”, por exemplo, que significa 018 (últimos números de sua matrícula), um homem que “já não é um homem” sobre o qual Levi imagina que “ele próprio tenha esquecido seu nome” (Levi, 1988, p. 41). Ainda assim, é preciso evidenciar, também apresenta seus companheiros enquanto “David” ou “Steinlauf”. Isto é, não se utiliza apenas da identificação numerada em sua narrativa. A lembrança dos nomes sugere resistência, buscando estabelecer comunicação utilizando os nomes não numerados.

Outro aspecto que demonstra o ambiente para incomunicabilidade no Campo é o amontoado de línguas que foram postas a conviver no mesmo espaço, o qual o próprio Levi chama de “perpétua babel”, como se vê no trecho que segue:

De cima, porém, de baixo, de perto, de longe, de todos os cantos do Bloco já escuro, vozes sonolentas e iradas gritam-me: — Ruhe! Ruhe! (Silêncio!)

Compreendo que querem que cale a boca, mas essa palavra é nova para mim e, não conhecendo seu significado nem suas implicações, minha ansiedade aumenta. Aqui, a confusão das línguas é um elemento constante da nossa maneira de viver; a gente fica no meio de uma perpétua babel, na qual todos berram ordens e ameaças em línguas nunca antes ouvidas, e ai de quem não entende logo o sentido (Levi, 1988, p. 32).

Além do alemão, principal língua em Auschwitz, tinha-se o polonês e o iídiche como mais presentes línguas, sendo mais tarde acompanhadas pelo húngaro. A compreensão se dava pelo entendimento da entonação, de expressões, gestos da captação do que as palavras significavam. Acrescente-se a isso as traduções feitas dentro do campo.

Mais tarde, em uma entrevista, Levi enfatiza o problema com a língua desconhecida – no caso da compreensão do alemão falado pelos agentes do campo - como um elemento que poderia ser letal;

Levi disse que a incapacidade de entender as ordens berradas em alemão foi uma das principais causas da morte de italianos em campos de concentração: ‘o isolamento linguístico, naquelas condições, era mortal. Quase todos os italianos foram mortos por isto. Porque, do primeiro ao último dia, não entendiam as ordens, e isto não era admitido’. (Caldas, 2016, pp. 140-141).

A relação com os agentes possibilita a percepção de mais um aspecto pedagogia do silêncio no Campo: a negação de informações pelos funcionários. A indignação do autor se expressa no seguinte fragmento:

[...] com toda aquela sede, vi, do lado de fora da janela, ao alcance da mão, um bonito caramelo de gelo. Abro a janela, quebro o caramelo, mas logo adianta-se um grandalhão que está dando voltas lá fora e o arranca brutalmente da minha mão. - Warum? - pergunto, em meu pobre alemão.- Hier ist kein Warum - (aqui não existe "por quê"), responde, empurrando-me para trás.

A explicação é repugnante, porém simples: neste lugar tudo é proibido, não por motivos inexplicáveis e sim porque o Campo foi criado para isso. (Levi, 1988, p. 27).

Teriam os agentes, naquele momento, uma explicação para não permitir que Levi consumisse o gelo? De todo modo, o que se mostrou foi a falta dessa explicação, sentida pelo sobrevivente. É comum também no relato o procedimento de serem encaminhados a algum lugar sem se comunicar qual seria o destino, como mostra esta passagem: “eles nos põem em fila, mais uma vez, levam-nos até um grande espaço aberto que ocupa o centro do Campo Depois nada acontece por mais de uma hora; parece que estamos esperando por alguém.” (Levi, 1988, p. 28).

A própria seleção, o momento de escolher os que seriam mortos, é evidenciada como um processo que não se comunicava. Nos primeiros meses de Campo, Levi ainda apresenta ideias confusas sobre: “É verdade, então, o que se ouve dizer de seleções, de gás, de forno de crematório?” (Levi, 1998, p. 51). E, nos dias de seleção, as informações corriam de forma distorcida, pois se juntava os indícios que fossem alcançáveis: “misteriosamente, todos nós soubemos que a seleção seria hoje. A notícia chegou, como sempre, num labirinto de detalhes contraditórios e duvidosos.” (Levi, 1988, p. 128). A percepção das mudanças no ambiente - o espaço informa, por exemplo, por meio das fumaças dos crematórios - e a coleta de informações surgem como instrumentos para a comunicação desse evento.

A negação de informações, de respostas é sentida por Levi inclusive com relação aos prisioneiros, mesmo os que não estavam sendo mobilizados para executar procedimentos no *Lager*. Sobre essa relação com as outras vítimas, ele escreve: “Aqui ninguém tem tempo, ninguém tem paciência, ninguém te dá ouvidos; nós, os recém-chegados, instintivamente nos juntamos nos cantos contra as paredes Renuncio, portanto, a fazer mais perguntas, e em breve mergulho num sono amargo e tenso” (Levi, 1988, p. 32). Quanto mais tempo se passava em Auschwitz, mais se colhia informações sobre o lugar. Levi, enquanto prisioneiro recente nesse momento, ainda mostrava muito desconhecimento e o seu número denunciava isso às demais vítimas.

Outrossim, o relato de Levi aponta a lógica do Campo contribuindo para o silêncio entre os prisioneiros como estratégia. Esse aspecto pode ser notado quando o autor descreve as articulações silenciosas que se davam quando um grupo sabia que estava próxima a seleção para a morte:

Hoje os poloneses dizem *selekeja*. Os poloneses são os primeiros a saber as novidades e em geral não as espalham, porque saber algo que os demais ainda não sabem pode representar bom negócio. Quando todos souberem que a seleção é iminente, esse pouco que ainda se pode tentar para cair fora (subornar algum médico ou "proeminente" com pão ou com tabaco; passar do Bloco para a enfermaria ou vice-versa, no momento exato, para evitar os SS) já será monopólio deles. (Levi, 1988, p. 183).

Os poloneses eram maioria no Campo e tinham uma experiência maior, por isso a chance superior de acessar essas informações. Mas tal comportamento é notificado por Levi como geral “se alguém . . . encontrar um novo jeito para escapar ao trabalho mais pesado, uma nova arte que lhe propicie uns gramas de pão a mais, procurará guardar seu segredo” (Levi, 1988, p. 89). “É violenta a luta pelo pão de cada dia e pela preservação e salvação da vida. Luta-se sem dó nem piedade pelos próprios interesses, sejam eles do indivíduo ou do seu grupo mais íntimo de amigos”, como escreve Viktor Frankl (2017, pp. 9-10), em suas observações sobre Auschwitz. O *Lager*, com isso, se mostra estimulando a conduta de silêncio para com os companheiros de prisão tendo em vista a necessidade de proteger a própria vida; e, nessa lógica, é bem mais fácil se articular com aqueles que compartilham de traços culturais e de uma língua. Ainda assim, em vários momentos Levi faz referência a episódios nos quais foi ajudado por companheiros de Campo, inclusive com informações bastante importantes para sua sobrevivência.

Importa ressaltar também a expressão da pedagogia do silêncio quanto ao atendimento médico. Sobre uma ida ao Ka-Be (enfermaria), o autor discorre:

Ele olha e apalpa meu pé inchado e sangrento, arrancando-me um grito de dor; logo diz: - *Aufgenommen* (aceito), Bloco 23.

Fico ali de boca aberta, à espera de maiores esclarecimentos, mas alguém puxa-me bruscamente para trás, joga-me um abrigo nas costas, entrega-me umas sandálias e me manda para fora.

A uns cem metros está o Bloco 23; leio *Schonungsblock*, quem sabe o que quer dizer. Dentro, tiram-me o abrigo e as sandálias; mais uma vez, encontro-me nu e último de uma fila de esqueletos nus: os que baixaram hoje.

Há muito tempo que parei de tentar compreender. (Levi 1988, p. 47).

Em muitos casos, Levi externa que as informações sobre a saúde do prisioneiro não eram esclarecidas; em geral, seus corpos eram manipulados e sua invalidez declarada sem qualquer preocupação nesse sentido. Um silêncio sobre o estado de saúde, nesse contexto, não significava apenas uma angústia com relação à condição física, mas compreendia em primeiro lugar o receio de ter chegado a hora de ser encaminhado à morte, caso a avaliação médica certificasse a incapacidade para o trabalho, o que potencializa a preocupação de Levi.

Além disso, a pedagogia do silêncio é notada também nas tentativas de cercear a comunicação com intervenções diretas, por meio de palavras de ordem cobrando o silêncio. Levi indica esse aspecto ao escrever sobre a contagem dos prisioneiros: “Proibido falar. Logo nos dispomos em linhas de três e então pode-se tentar trocar algumas palavras, no meio do tropel de 10 mil pares de tamancos.” (Levi, 1988, p. 150). Neste momento, não se trata do não falar **isso**, mas do não falar **qualquer coisa**. No entanto, a ordem de não falar não significa que se fará silêncio: nesse fragmento, Levi apresenta mais uma estratégia de interação ao se aproveitar do barulho que os sapatos faziam. Uma outra passagem ressalta esse aspecto de “indisciplina” tendo em vista a comunicação durante sua estadia no Ka-Be: “de beliche para beliche, apesar da proibição, nos visitamos e nos falamos, falamos. O Bloco de madeira, apinhado de humanidade sofredora, está cheio de palavras...” (Levi, 1998, p. 54). A repetição do vocábulo “falamos” sugere a importância da comunicação naquele momento.

No entanto, a comunicação não necessariamente se estabelece com palavras. Levi, registrando sobre um período no qual os prisioneiros em geral sabiam que o Campo estava chegando ao fim, comenta que “os ingleses nos piscam o olho, saúdam-nos às escondidas com ‘V’ do indicador e do médio - e nem sempre às escondidas” (Levi, 1988, p. 143). Fala-se de outra forma, com sinalizações corporais: as vítimas não precisaram de palavras para se comunicar sobre aquela mudança no horizonte do *Lager*.

As palavras em Auschwitz aparecem marcadas pelo autor em muitos casos pela aspereza e até mesmo por tom de achincalhe. Por exemplo, Levi resgata o episódio quando os SS fizeram com que o intérprete - também vítima - tivesse que traduzir uma ofensa direta aos demais prisioneiros:

Caminhamos de um lado para o outro e falamos, cada um fala com os demais, e isso resulta num grande barulho. Abre-se a porta, entra um alemão, é o sargento de antes; fala brevemente, o intérprete traduz: - O sargento mandou ficarem calados, isto não é uma escola rabínica. Vê-se que as palavras, estas palavras maldosas, que não são dele,

fazem repuxar a sua boca, como se ele cuspiisse um bocado nojento. (Levi, 1988, p. 22).

O trauma no estabelecimento da comunicação é, portanto, também marcado pela ridicularização do processo de tradução, causando um empecilho na integração dos prisioneiros. Dizer o que não se quer dizer, insultar o companheiro forçadamente fazem parte dessa pedagogia.

Com o tempo de prisão e a percepção de que as perguntas dificilmente seriam respondidas, desenvolve-se mecanismos de sobrevivência; é preciso aguçar os ouvidos para qualquer pista que venha a aparecer:

Depois, às onze e meia, o rancho chega, e vêm as perguntas de sempre, qual é a quantidade da sopa, hoje, e como ela é, e se nos tocou da superfície ou do fundo do panelão; eu me esforço por não fazer essas perguntas, mas não posso evitar de aguçar avidamente o ouvido às respostas e o olfato à fumaça que o vento nos traz da cozinha. (Levi, 1988, p. 59).

Aprende-se “a responder: *Jawohl!* [Sim!], a não fazer perguntas, a fingir ter compreendido sempre.” (Levi, 1988, p. 31). “- [...] (Compreenderam?) Quem respondeu *Jawoh?* Todos e ninguém: foi como se a nossa maldita resignação tomasse corpo por si, tornando-se voz coletiva por cima de nossas cabeças” (Levi, 1988, p. 151). O testemunho de Levi apresenta em vários momentos a ideia de que aos poucos os prisioneiros são educados de modo a desenvolver a percepção de que seria desnecessário questionar, de que os prisioneiros deveriam se conter diante da parca informação ou da falta de compreensão do alemão falado.

Ademais, percebe-se que Levi expressa vergonha com relação ao silêncio daqueles - inclusive o autor - que “cederam” à lógica do Campo. Em determinado momento, Levi lembra do companheiro que, antes de ser enforcado por ter participado de um motim, soltou um grito que “transpôs as velhas, grossas barreiras de inércia e remissão”: “Companheiros, eu sou o último!” (Levi, 1988, p. 151). Comunicou-se em alto e bom som, rasgou o silêncio do *Lager*. Levi lamenta que os companheiros não tenham feito qualquer manifestação, mesmo “um sussurro” (Levi, 1988, p. 151) diante daquilo. Com palavras duras, o autor ainda considera: “custou, levou tempo, mas vocês, alemães, conseguiram. Aqui estamos nós, dóceis sob o seu olhar; de nós vocês não têm mais nada a temer. Nem atos de revolta, nem palavras de desafio, nem um olhar de julgamento” (Levi, 1988, p. 152). Esses aspectos se relacionam ao impacto da censura imbricada na pedagogia do silêncio do Campo: de um lado a glória do que falou a todos antes da morte, do outro o medo de que lhes pudesse acontecer o mesmo por falar.

4. Considerações finais

A análise permitiu, portanto, observar a expressão no testemunho de Primo Levi da pedagogia do silêncio em Auschwitz. Os mecanismos para incomunicabilidade marcados pelo medo e o desgaste foram percebidos e destrinchados sob as seguintes perspectivas: o isolamento na configuração espacial; o desconhecimento sobre o lugar no qual seriam presos; o afastamento dos familiares e amigos; o ocultamento e deturpação das informações por meio dos agentes nazistas e também dos próprios prisioneiros como forma de obter algum benefício em meio àquela situação; a negação ao nome, identificador importante no processo de comunicação; a multiplicidade de línguas e desconhecimento, inclusive, da principal e a ordem direta pelo silêncio. Essas categorias obviamente não encerram a discussão, mas possibilitam ter uma noção de como pode ser diversa e muitas vezes até sutil a prática dessa disciplinarização.

Além disso, o estudo do escrito de Levi proporcionou a percepção de um importante elemento em meio a essa pedagogia do silêncio: a “indisciplina”. Embora se perceba a efetividade dessa pedagogia naquele ambiente de desgaste e medo, as percepções de Levi denotam esse elemento, que na verdade se mostra como resistência à lógica da incomunicabilidade e está imbricado a cada manifestação de tentativa de silenciamento. A análise permite observar como se procura, em um contexto desfavorável à comunicação, elementos que possam exercer essa característica e necessidade tão própria do ser humano. O que se percebe é que, na verdade, os próprios mecanismos para incomunicabilidade acabam instigando o estabelecimento de mecanismos alternativos de comunicação.

A discussão, assim, proporciona, além da visualização com maior atenção o que foi a Shoah e do seu impacto nas vítimas, a reflexão sobre como o silêncio e a incomunicabilidade podem ser elementos constituintes de aparatos de violência por instituições ou indivíduos.

Referências

- Basevi, A. (2012). *A língua que salva. Babel e literatura em Primo Levi*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Basevi, A. (2013). Silêncio e literatura: as aporias da testemunha. *Alea* [online], 15 (1), 152-169.

- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online], 19, 20-28.
- Bosi, E. (1997). O campo de Terezin. *Estudos Avançados*, 13 (37), 7-32. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9486>
- Caldas, P. (2015). Variações experimentais: um estudo sobre a narrativa em A trégua, de Primo Levi. *Viso: Cadernos de estética aplicada*, 9 (17), 133-147.
- Frankl, V. E. (2017). *Em busca de um sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Feil, G. S. (2013). Comunicação: condição ou impossibilidade humana? *Galaxia* [Online], 26, 48-59.
- Halbwachs, M. (2004). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Centauro.
- Levi, P. (1998). *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco.
- Melo, N. M. de. (2013). *Nome próprio: marca de um sujeito*. (Trabalho de conclusão de curso). Faculdade de psicologia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Mensfelt, J, Pinderska-Lech, J & Świebocka, T. (2010). *Auschwitz-Birkenau. História e presente*. Museu Nacional de Auschwitz-Birkenau. Oswiecim, Polônia.
- Pereira, A. S, Shitsuka, D. M, Parreira, F.J & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Ed. UAB/NTE/UFSM, Santa Maria/RS. Disponível em: http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2 (3), 3-15.
- Silva, Á. O. (1993). *Aprender a calar e aprender a resistir: A pedagogia do silêncio em Santa Catarina*. (Dissertação de mestrado). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC, Brasil.
- Valle, E.G. (2011). História e literatura de testemunho: A memória do Holocausto em “Os afogados e os sobreviventes”, de Primo Levi. *Emblemas*, 8 (2), 169-185.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Ísis de Freitas Campos – 70%

Olivia Moraes de Medeiros Neta – 30%